

## FEMININO E A PSICANÁLISE

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Venho acompanhando de perto - não só pelo convívio com a pessoa ímpar que é, mas também por meio da leitura atenta dos seus artigos – o desdobramento das questões em torno do tema da feminilidade levantadas pelo nosso querido Herculano Farias, o psicanalista e escritor que vem colaborando de modo tão rico com seus inspirados artigos nesse caderno. E posso dizer que me sinto imensamente gratificado quando vejo confirmado através de seus escritos-poemas o quanto é importante elucidar o “feminino” como categoria, como conceito, auxiliando a fazer uma *distinção* nem sempre clara. Por um lado tem-se a mulher, por outro a condição feminina de modo empírico. Acredito que assim como eu, Herculano sintam-se algo incompetente para discorrer sobre a mulher. Nossas limitações de gênero são incontestáveis. Falar da mulher como ente, sua estrutura psicológica, social, existencial, etc.. Mas acredito também que, assim como eu, Herculano se aventura, e possui bagagem para tal, a discorrer sobre a condição feminina como noção. A psicanálise já lhe deu régua e compasso. Mas não é no campo da psicanálise onde seus argumentos tornam-se mais robustos, pertinentes e corretos nesse tema. É sua alma de poeta, de escritor, que guarda seu acervo consistente para falar da feminilidade. Herculano não esquece a lição do velho Freud: “*seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta já terá passado por ele antes de mim...*”.

De fato tal *distinção* é fundamental e devemos muito a psicanálise o fato de se poder hoje fazê-la. O feminino não é um atributo exclusivo do sexo feminino. Portanto a noção freudiana do feminino, não nos fala de uma teoria do feminino como tal, marcada por uma especificidade perigosa, mas antes de uma teorização da constituição do sujeito. O feminino teorizado pela psicanálise diz respeito sobretudo a nossa condição humana e não a mulher especificamente. Freud formulou idéias revolucionárias sobre a alma humana, não sobre a alma da mulher e do homem como entidades diferentes, mesmo porque em essência não há essa diferença *singular*, no sentido daquilo que é singular a nós humanos. E as diferenças *plurais*, das identidades sexuais singulares estão na dimensão da parte e não do todo. A sexualidade que nos fala a psicanálise é a sexualidade do inconsciente. Sexualidade que tem a estatura do *Eros* dos filósofos.

Daí o grande mal entendido e os ataques feministas descabidos que acusam a teoria de “falocêntrica”. Confundem mulher com feminino, falo com pênis, alhos com bugalhos. Tomam a parte pelo o todo, o andaime pelo prédio, a máscara pela cara. Mesmo as contribuições das

primeiras mulheres psicanalistas que vieram enriquecer a psicanálise, passam, muitas vezes, a serem utilizadas pelos desavisados de forma ideológica e não científica. Cria-se uma espécie de Feminismo “científico” que vai funcionar como uma arma para neutralizar a boçalidade do macho que grassa solta no dito sistema patriarcal. Farinhas do mesmo saco pois o feminismo dentro de uma certa ótica não deixa de ser a cara metade do machismo, faces desfiguradas da mesma pobre moeda.

Acho que vou propor ao Herculano comentar seus belos textos. Não que não falem por si. Pelo contrário, não carecem de acréscimos nem de esclarecimentos. Mas justamente por que são belos não vejo inconveniente de se voltar a eles. Não havendo a destrutiva contemplação narcísica, não há contra-indicação de se nutrir da beleza.

Beleza não só estética mas ética também. De uma Ética da sexualidade que está além dos sexos, mas que não pode prescindir deles para sobreviver, principalmente quando em parceria. Ou seja, FRUIR A ESTÉTICA DA ÉTICA!

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).